RESENHA

LINS GOMES, Eunice Simões. **UM BAÚ DE SÍMBOLOS NA SALA DE AULA**. São Paulo: Paulinas, 2013, 72 p.

O pequeno volume é essencialmente prático. Ele propõe um exercício que, em síntese, consiste na abertura de um baú, previamente preparado, diante de uma plateia de alunos, que desconhece seu conteúdo. Aberto o baú, são extraídos os objetos, um a um, para uma vivência imagética. Tendo então apresentado o ponto de chegada do método didático-pedagógico proposto, faremos o caminho inverso, para dar a compreender que, por detrás de uma aparentemente singela atividade, há todo um universo teórico e bem fundamentado.

O objeto saído do baú e logo apreciado é antes de tudo um símbolo, é por este modo que o ser humano entra em relação com o mundo, sempre de maneira indireta, mediado pela representação. É o *homo symbolicus* de Cassirer o ponto de partida para o estudo do símbolo, todavia o aprofundamento da questão se faz com a Teoria Geral do Imaginário de Durand. Diz a autora (p. 23) "... imaginação simbólica, ou seja, a transfiguração de uma representação concreta através de um sentido para sempre abstrato, e o baú de símbolos, fechado ou aberto, de certo modo já suscita esta imaginação, este sentido secreto, este mistério". Mas o símbolo, como entende a autora (p.31), transcende um conjunto de imagens que vagam pela memória e imaginação, de fato ele deve ser compreendido como uma rede, cujo sentido é dado pela relação das imagens, pela sua lógica e estruturação. Revisam-se então os principais elementos da teoria de Durand: os regimes diurno (heroico) e noturno (místico e dramático) e as três estruturas (gestos ou reflexos): postural, digestiva e copulativa.

Convém preparar o ambiente, como um todo, para a abertura do baú. Isto quer dizer principalmente a disposição recomendada da sala como um círculo, porque "o círculo é um símbolo do poder criativo do universo, pois não tem início nem fim e reporta-se à continuidade, ao processo cíclico"

(p. 43). No centro do círculo, dispõe-se uma mesa com o baú fechado.

Assim organizada a sala, com os alunos sentados e dispostos ao redor da baú, procede-se a sua abertura. Cada aluno então se dirige ao centro, olha o conteúdo, toca um objeto, aparentemente qualquer, sente-o, afasta-se e redige um texto descrevendo o que o objeto significa ou representa ou quis dizer para si mesmo. O facilitador da técnica deve igualmente estar muito atento e observar a reação dos alunos.

"Os objetos têm alma e falam" (p. 45) é o que é importante saber neste momento, porque o aluno não retirou um *objeto qualquer*, mas aquele que com ele se comunicou. Ora, é aqui que toda a história, as emoções e sensibilidades entram em cena, é a chamada magia do objeto. Será importante refletir depois, porque o aluno retirou o objeto X e não o Y. O que o X tem a ver com ele?

No interesse de Ciências das Religiões, recomenda-se que o baú seja preparado com objetos da temática religião, em sentido bastante amplo. Eis algumas sugestões, entre as elencadas nas páginas 46 e 47: boneca de pano, vela, pente, chave, imagem de Buda, cristal, concha. Nota-se então que a técnica abriga infinitas possibilidades, a depender de como o baú é preparado.

Experienciado então este momento mágico do contato com o objeto, o aluno deve fazer a descrição imagética, pois "apenas pelo olhar, o registro das observações fica incompleto, faltando a plena compreensão do sentido que estes objetos simbólicos despertam no educando" (p. 51). Para se ter maior clareza da natureza das descrições, citamos um fragmento a partir da observação de um trapezista de madeira: "o trapézio exige força, coragem, separa os limites do corpo e da mente". O pequeno exemplo é suficiente para demonstrar a riqueza da técnica.

A obra se insere na produção didática voltada ao Ensino Religioso. Sendo esta disciplina, como dita a legislação nacional (art. 33 da Constituição), obrigatória para a escola mas facultativa para o aluno, muitas vezes a motivação para segui-la é reduzida por parte do alunado. A esta característica intrínseca da não obrigatoriedade, acresce-se o fato de, em determinadas instituições, ela ser ministrada puramente como confessional, chocando-se diretamente com a crença individual de cada um, não respeitando a laicidade do Estado e

a pluralidade das religiões e religiosidades. Deste modo, uma produção inovadora e motivadora, como a que ora comentamos, é muito bem vinda!

Concluindo, diremos uma palavra a respeito da autora. É professora no Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Centro de Educação – UFPB, e no curso de Graduação (Licenciatura e Bacharelado) de Ciências das Religiões da mesma instituição. Tem Pós-doutorado em Ciências da Religião pela UMESP - Universidade Metodista de São Paulo, Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba e Mestrado em Ciência da Informação pela mesma instituição. Lidera o Grupo de estudos e pesquisa em Antropologia do Imaginário - GEPAI (CNPq-UFPB), tendo publicado inúmeros livros, entre os quais destacamos: *A catástrofe e o imaginário dos sobreviventes: quando a imaginação molda o social* (2009); *Educação & Religiosidade: imaginários da diferença* (2010); *O Evangelho de Marcos* (2010); *Em busca do mito* (2011); *O Evangelho apócrifo de Pedro* (2011); *Estudo e pesquisa monográfica* (2012).

Prof. Dr. Fabricio Possebon
Programa de Pós-Graduação em
Ciências das Religiões
Centro de Educação –
Universidade Federal da Paraíba